

# Correspondência Johann Wolfgang von Goethe e Friedrich von Schiller

APRESENTAÇÃO E NOTAS DE VLADIMIR VIEIRA

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA UFF

TRADUÇÃO DE MARCO AURÉLIO WERLE

PROFESSOR DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA USP

PEDRO AUGUSTO FRANCESCHINI

PÓS-DOCTORANDO DO DEPARTAMENTO DE FILOSOFIA DA USP

VLADIMIR VIEIRA

## Apresentação

As cartas que se seguem constituem uma amostra de um empreendimento bem mais ambicioso: desde 2018, uma equipe, da qual fazem parte, além de mim, os profs. Marco Aurélio Werle e Pedro Franceschini, vem se dedicando à tradução da correspondência entre Goethe e Schiller, a qual, como se sabe, ainda não está disponível em português em sua integralidade. A edição brasileira da *Correspondência* adotou a prática, ademais não completamente incomum em outros idiomas, de privilegiar, com maior ou menor liberdade, trechos consagrados a discussões teóricas, deixando de lado aqueles à primeira vista circunscritos a considerações de cunho mais pragmático.<sup>1</sup> Desde as discussões iniciais acerca do

---

<sup>1</sup> GOETHE, Johann Wolfgang; SCHILLER, Friedrich. *Correspondência*. Tradução de Cláudia Cavalcante. São Paulo: Hedra, 2010. No século XIX, a prática de suprimir cartas ou mesmo

projeto, tornou-se claro para nós que essa premissa não deveria ser adotada aqui: nas preocupações editoriais, literárias, e mesmo pessoais dos pensadores transparecem ou se acomodam os seus princípios filosóficos e estéticos, de modo que a leitura sistemática e detalhada de todo o material permite que esses dois registros se iluminem mutuamente. Além disso, uma tradução integral contempla ainda uma série de outros aspectos que nos permitem acompanhar os pormenores do dia a dia e da convivência dos dois grandes poetas, do seu entorno intelectual e de sua época. Lembrando que nesse período de 1794 a 1805 se decidiram em Weimar e Jena os grandes destinos da filosofia e literatura alemãs clássicas.

O excerto selecionado para essa publicação compreende cartas de fevereiro e março de 1795. Trata-se de um período decisivo para o pensamento filosófico de Schiller. Extenuado por suas atribuições como professor de história da Universidade de Jena, cargo que ocupava desde 1789, o dramaturgo decidira, no início da década de 1790, investigar os fundamentos da tragédia com vistas a superar as dificuldades que enfrentava em sua criação poética desde a redação do *Don Karlos* (1785-1787). Inicialmente influenciados pela recepção alemã da *Poética* aristotélica, através de autores como Winckelmann, Lessing e Mendelssohn, esses estudos ganharam uma nova dimensão a partir do contato com a obra de Kant, particularmente a *Crítica da faculdade do juízo*. A tentativa schilleriana de empregar a categoria do sublime para pensar a experiência trágica ganhou corpo numa série de artigos, tais como “Do sublime” e “Sobre o Patético”, publicados entre os anos de 1792 e 1793 no periódico *Neue Thalia*, de que era editor.

Mas as reflexões do dramaturgo tomariam ainda um outro rumo no ano seguinte. Embora tivessem sido formalmente apresentados em 1788, foi apenas em 1794, por ocasião de um encontro da Sociedade de História Natural em Jena, que Goethe e Schiller se tornariam mais próximos. Costuma-se atribuir ao desenvolvimento dessa relação um certo distanciamento do estrito domínio da estética

---

trechos de cartas que supostamente continham pouco conteúdo filosófico era comum. Cf. por exemplo, a *Correspondence* de 1845, com tradução de George H. Calvert (New York; London, Wiley & Putnam); ou a *Correspondence* de 1863, com tradução da baronesa de Carlowitz (Paris, Charpentier). Entre as traduções completas da correspondência para outros idiomas encontram-se, por exemplo a de Lucien Herr (Paris: Gallimard, 1994) para o francês e, mais recentemente, a de Marcelo Burello e Regula Rohland de Langbehn para o espanhol (“La más indisoluble unión”. Madrid: Mino y Dávila, 2014).

pura, e conseqüentemente do quadro categorial da filosofia kantiana, surgindo já aí uma articulação dos problemas estéticos a considerações de ordem histórica e sociocultural. A parceria com o grande poeta de Weimar se materializaria também em um novo empreendimento editorial, o periódico *As horas*, onde seriam publicados alguns dos mais célebres trabalhos teóricos do dramaturgo, tais como as cartas “Sobre a educação estética do homem” e o ensaio “Sobre poesia ingênua e sentimental”.

Desse modo, um dos principais movimentos que se observam nas cartas selecionadas a seguir consiste nos esforços dos dois pensadores para produzir os números do novo periódico. No empenho de Schiller para a aquisição de contribuições para *As horas*, na preocupação com a recepção dos trabalhos, no incentivo para que seu amigo envie artigos de modo a compor adequadamente os volumes dentro dos prazos o editor acadêmico certamente reconhecerá muitas de suas dificuldades cotidianas. Em razão do pouco tempo de convivência, nota-se, ademais, como essa comunicação de natureza mais pragmática ainda é formulada em um tom mais formal, o qual seria abandonado com o passar dos anos.

Inseparável desse interesse é, evidentemente, o exercício da crítica. Em torno do projeto de *As horas*, Goethe e Schiller debatem constantemente as obras de seus contemporâneos – ainda timidamente, nesse momento, mas com frequência e franqueza cada vez maior à medida que se estreitavam os laços de amizade. Não seria talvez exagerado enxergar aqui as raízes dos *Xenien*, conjunto de dísticos sarcásticos que ambos publicariam, no *Almanaque das musas* de 1797, contra autores de seu tempo. Essa prática epistolar também prepararia Schiller para a redação de “Sobre poesia ingênua e sentimental”, o único de seus ensaios teóricos em que considerações poetológicas são sistematicamente desenvolvidas, à maneira moderna, em estreita conexão com a crítica de arte.

Nesse sentido, um dos objetos que recebem particular atenção na correspondência do período é o *Wilhelm Meister*. Goethe enviara a Schiller o quarto livro de seu romance, que fora então devolvido com anotações marginais e admoestações contra passagens específicas – o presente em dinheiro recebido da duquesa pelo herói e os debates com Serlo e Aurélia sobre *Hamlet* (22.02.1795). O dramaturgo, entretanto, não se furta a defender a obra das críticas de Jacobi, infundadas, sob o seu ponto de vista, por subordinarem avaliações estéticas a

considerações estritamente morais (01.03.1795). A articulação entre esses dois domínios, problema central do pensamento schilleriano desde seu primeiro artigo teórico, “Sobre o fundamento do deleite com objetos trágicos”, é mais um tema que remete a questões que seriam exploradas de modo mais decisivo em “Sobre poesia ingênua e sentimental”.

Para além da crítica, as cartas revelam também o trato constante com os principais nomes da *Aufklärung*, especialmente, mas não exclusivamente, em conexão com as necessidades editoriais de *As horas*. O envolvimento de Goethe e Schiller com os círculos intelectuais de sua época fica evidente, por exemplo, nos esforços mobilizados para interceder em favor do filósofo Friedrich August Weissshuhn, potencial colaborador do periódico que se indispusera com um professor da Universidade de Jena (25-27.02.1795). Não se trata de um evento isolado: em diversas outras passagens, ao longo dos anos, os pensadores demonstram sua recorrente preocupação com o ambiente acadêmico da Alemanha no século XVIII.

Das esparsas observações manifestamente filosóficas que encontramos nos trechos selecionados abaixo, uma destaca-se pela curiosidade. Em carta de 18 de fevereiro, Goethe critica as *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime*, escrito pré-crítico de 1764 que, segundo o seu ponto de vista, persegue uma abordagem excessivamente antropológica. Schiller responde no dia seguinte, sendo que não apenas concorda com o amigo como se queixa adicionalmente do estilo de Kant, que considera “um pouco lúdico e floreado demais para essa matéria tão séria”.

Em outras passagens, a influência do filósofo de Königsberg sobre o pensamento schilleriano se revela, entretanto, de modo menos evidente. Ao recusar um convite para integrar o corpo docente da Universidade de Tübingen, o dramaturgo justifica a sua decisão argumentando que, graças à sua saúde precária, prefere permanecer em Jena, “onde quero possivelmente viver e morrer”. E acrescenta: “declinei, portanto, e não faço disso nenhum mérito; pois minha inclinação decidiu tudo sozinha, de modo que sequer necessitei lembrar-me das obrigações que devo a nosso bom duque [...]” (19.02.1795). Vemos assim exposto, na particularidade dos assuntos cotidianos, o conflito entre dever e inclinação, entre razão e sensibilidade, que se tornou um dos pontos nevrálgicos das reflexões de Schiller desde que ele aprofundara seus estudos do sistema transcendental.

Há, desse modo, muito mais filosofia do que salta aos olhos na amizade epistolar entre Goethe e Schiller. Esperamos que a publicação da correspondência integral possa dar uma nova direção às pesquisas sobre esses dois autores no Brasil. A guisa de conclusão, caberia talvez apenas advertir o leitor de que a tradução das cartas que se seguem não se encontra ainda em seu formato definitivo, devendo ser tomada, antes, como um estágio de um longo caminho que ainda temos a percorrer.

## Tradução

45. A SCHILLER, 11 DE FEVEREIRO DE 1795.

Como desejo que meu quarto livro<sup>2</sup> encontre o senhor com boa saúde e disposição, e possa entretê-lo por algumas horas! Posso pedir-lhe que marque aquilo que parecer dubitável ao senhor? Recomendo do mesmo modo meu herói e sua sociedade também ao sr. von Humboldt<sup>3</sup> e às damas.

Espero ainda ir no sábado, caso isso não ocorra, o senhor terá mais notícias de mim. Meyer<sup>4</sup> manda reiteradas saudações.

*Weimar, 11 de fevereiro de 1795.*

G.



46. A SCHILLER, 18 DE FEVEREIRO DE 1795.

O senhor me disse recentemente que pensava vir em breve para cá ter conosco. Temo que o tempo mais uma vez frio detenha o senhor. De todo modo, gostaria de fazer uma sugestão.

O senhor e sua esposa poderiam ficar ambos em minha casa; ou, se ela preferir alugar-se em outro local, gostaria ao menos que o senhor ocupasse o seu antigo quarto. Faça como lhe aprouver; o senhor e sua esposa são muito bem-vindos aqui.

---

<sup>2</sup> Quarto livro do *Wilhelm Meister*, que Goethe enviara a Schiller.

<sup>3</sup> Wilhelm von Humboldt (1767-1835), filósofo e diplomata alemão.

<sup>4</sup> Johann Heinrich Meyer (1760-1832), pintor suíço que se tornaria colaborador de *As horas*.

Avivado pelo bom ânimo que me infundiu nossa recente conversa, já elaborei o esquema para o quinto e sexto livros.<sup>5</sup> Como espelhar-se em outro é muito mais vantajoso do que espelhar-se em si mesmo!

O senhor conhece as *Observações sobre o sentimento do belo e do sublime* de Kant, de 1771?<sup>6</sup> Se as palavras *belo* e *sublime* não estivessem no título, e se aparecessem no próprio livrinho muito mais raramente, ele seria um escrito realmente interessante. É cheio de observações adoráveis sobre os seres humanos, e já vemos germinarem os princípios dele. Certamente o senhor já o conhece.

Não chegou ainda nenhuma notícia do ausente senhor von Humboldt?<sup>7</sup> Mande lembranças minhas ao seu círculo e prossiga me elevando e revigorando com seu amor e sua confiança.

Weimar, 18 de fevereiro de 1795.

G.



47. A GOETHE, 19 DE FEVEREIRO DE 1795.

O tempo miserável levou mais uma vez embora toda a minha coragem, e a soleira da minha porta é mais uma vez o velho limite dos meus desejos e de meu vaguear. Como gostaria de aproveitar o seu convite, tão logo possa confiar um pouco em minha saúde, nem que veja o senhor por apenas algumas horas. Anseio de todo coração por isso, e minha esposa, que está muito ansiosa por essa visita ao senhor, não me dará tranquilidade enquanto não a realizar.

Recentemente, restituí ao senhor, com fidelidade, a impressão que causou em mim o *Wilhelm Meister*, que é portanto, evidentemente, o próprio fogo no qual o senhor se aquece. Körner<sup>8</sup> me escreveu há alguns dias com infinita satisfação a respeito dele, e em seu juízo podemos nos fiar. Nunca encontrei um crítico [*Kunstrichter*] que se deixasse tão pouco desviar do principal, em um produto poético, por aquilo que é acessório. No *Meister* ele encontra toda a força de Os

<sup>5</sup> Do *Wilhelm Meister*.

<sup>6</sup> As *Observações* foram originalmente publicadas, na verdade, em 1764. Goethe possivelmente se refere à edição de Riga, de 1771.

<sup>7</sup> Alexander von Humboldt (1769-1859), filósofo e geógrafo alemão.

<sup>8</sup> Christian Gottfried Körner (1756-1831), escritor alemão e amigo pessoal de Schiller.

*sofrimentos de Werther*, apenas domada por um espírito varonil e depurada na tranqüila graça de uma obra de arte consumada.

Ao lê-lo, lembro-me de ter sentido o mesmo que o senhor escreve sobre o pequeno escrito de Kant. A abordagem é meramente antropológica, e com ele não se aprende nada sobre os fundamentos últimos do belo. Mas, como física e história natural do sublime e do belo, ele contém algum material [*Stoff*] frutífero. O estilo me parece um pouco lúdico e floreado demais para essa matéria tão séria. Inusitado erro em um Kant, de todo modo bastante compreensível.

Herder<sup>9</sup> nos presenteou com um artigo muito bem escolhido e realizado, onde se esclarece o conceito tão corriqueiro *do próprio destino*.<sup>10</sup> Matérias dessa espécie são para nosso uso especialmente adequadas, pois, embora tenham em si algo de místico, acabam ligando-se a alguma verdade universal por meio do tratamento.

Como estamos falando de destino, tenho de lhe dizer que decidi esses dias algo sobre o *meu* destino. Meus compatriotas fizeram a honra de me indicar para Tübingen<sup>11</sup>, onde, ao que parece, ocupam-se agora com reformas. Mas, uma vez que no momento não posso ser aproveitado como professor acadêmico, prefiro ficar ocioso aqui em Jena, onde estou bem e onde quero possivelmente viver e morrer, do que em qualquer outro lugar. Declinei, portanto, e não faço disso nenhum mérito; pois minha inclinação decidiu tudo sozinha, de modo que sequer necessitei lembrar-me das obrigações que devo ao nosso bom duque, e que desejo dever antes a ele do que a qualquer outro. Enquanto puder de algum modo conduzir a pena, creio não precisar preocupar-me com minha existência. E assim deixo aos céus, que nunca ainda me abandonaram.

O senhor Von Humboldt<sup>12</sup>, de Bayreuth, ainda não está aqui e tampouco escreveu algo determinado sobre sua chegada. Seguem as páginas de Weißhuhn<sup>13</sup>,

---

<sup>9</sup> Johann Gottfried von Herder (1744-1803), filósofo alemão.

<sup>10</sup> “Das eigene Schicksal” [O próprio destino], publicado no terceiro número do primeiro volume de *As horas* (pp. 1-21).

<sup>11</sup> A indicação para o posto de professor de história e estética provinha de Jacob Friedrich von Abel, professor de filosofia na Universidade de Tübingen com quem Schiller estudara na *Karlschule Stuttgart*.

<sup>12</sup> Alexander von Humboldt.

<sup>13</sup> Schiller refere-se ao artigo “Beiträge zur Synonymistik” [Contribuições à sinonímica], de

sobre as quais lhe falei recentemente. Peço que as devolva logo.

Mandamos todos as melhores lembranças ao senhor.

Sch.



48. A SCHILLER, 21 DE FEVEREIRO DE 1795.

Como me alegro que o senhor deseje permanecer em Jena, e que sua pátria não tenha podido atrair novamente o senhor. Espero que ainda possamos fazer e trabalhar juntos em muitas coisas.

Peço o manuscrito do quarto livro e devolvo em breve os sinônimos. E assim a dança das horas vai se tornando cada vez mais animada.

Passe muito bem. Escrevo mais da próxima vez.

Weimar 21 de fevereiro de 1795.

G.



49. A GOETHE, 22 DE FEVEREIRO DE 1795.

Jena, 22 de fevereiro de 1795

Conforme seu pedido, segue aqui o quarto livro do *W. Meister*. Quando encontrei algo que me incomodou, fiz um traço na margem, cujo significado o senhor logo descobrirá. Caso não descubra, também nada terá sido perdido.

Tenho de fazer uma observação um pouco mais importante por ocasião do presente em dinheiro que Wilhelm, pelas mãos do barão, recebe e aceita da duquesa.<sup>14</sup> Após as relações delicadas entre ele e a duquesa, eu pensaria – e assim parece também a Humboldt<sup>15</sup> – que ela não poderia oferecer a ele um presente assim, e ainda por mãos estranhas, nem ele aceitá-lo. Procurei no contexto algo que

---

Friedrich August Weisshuhn, uma possível contribuição para *As horas* que terminaria sendo publicada, postumamente, no periódico *Philosophisches Journal einer Gesellschaft deutscher Gelehrten*, de Friedrich Immanuel Niethammer (B. 1, H. 1, pp. 46-72).

<sup>14</sup> Schiller refere-se ao Livro 4, Cap. 1 do *Wilhelm Meister*, onde a personagem título, que integrava nesse momento um grupo de teatro, aceita em retribuição às apresentações realizadas na corte um presente em dinheiro da duquesa, com quem estabelecera vínculos afetivos.

<sup>15</sup> Wilhelm von Humboldt;



pudesse salvar a delicadeza [*Delicatesse*] de ambos, e creio que ela seria poupada se esse presente fosse dado e por ele aceito, sob esse título, como *remboursement*<sup>16</sup> por gastos contraídos. Decida o senhor mesmo. Tal como está, o leitor fica atônito, constringido sobre como deve salvar o delicado sentimento [*Zartgefühl*] do herói.

A propósito, senti na segunda leitura um novo deleite com a infinita verdade das narrativas e com o insigne desenvolvimento do Hamlet. No que diz respeito ao último, gostaria – meramente em vista do encadeamento do todo e por causa da multiplicidade que é mantida, de modo geral, em um grau tão elevado – que essa matéria não tivesse sido exposta tão imediatamente após outra, mas antes, se fosse o caso, que tivesse podido ser interrompida por algumas circunstâncias intermediárias significativas. No primeiro encontro com Serlo ela vem muito rapidamente à baila, e igualmente depois no quarto de Aurelia.<sup>17</sup> De todo modo são miudezas que sequer ocorreriam ao leitor se o senhor mesmo não o tivesse ensinado, por tudo o que veio antes, a esperar a suprema variedade.

Körner, que me escreveu ontem, recomendou-me expressamente que eu agradecesse ao senhor pelo elevado deleite que o *Willh. Meister* lhe proporcionou. Ele não pôde furtar-se a pôr algo dali em música, que apresenta ao senhor através de mim.<sup>18</sup> Uma é para bandolim, a outra para piano. Provavelmente é possível encontrar um bandolim em algum lugar de Weimar.

Mais uma vez, tenho de pedir ao senhor seriamente que se lembre do nosso terceiro número de *As horas*. Cotta<sup>19</sup> pede com premência que eu envie mais cedo os manuscritos, e sugere que o décimo dia do mês teria de ser a última data para que ele tivesse o manuscrito completo. Portanto, ele tem de poder partir daqui no dia 3. O senhor crê ter terminado nesse tempo “O procurador”?<sup>20</sup> Minha exortação não deve, contudo, importuná-lo de modo algum, pois o senhor é

<sup>16</sup> Em francês no original: “reembolso”.

<sup>17</sup> Schiller refere-se a passagens do livro Livro 4 (Cap. 3; Caps. 13-16) em que Wilhem Meister debate as virtudes da peça de Shakespeare com seus anfitriões, os irmãos Serlo e Aurélia.

<sup>18</sup> Körner colocara em música canções reproduzidas na obra de Goethe, e encaminhara as partituras ao autor através de Schiller.

<sup>19</sup> Johann Friedrich Cotta (1764-1832), editor alemão responsável pela publicação de *As horas*.

<sup>20</sup> A narrativa sobre o procurador integra a continuação das “Conversas de emigrantes alemães”, publicada no quarto número de *As horas* (pp. 41-67).

totalmente livre para escolher destiná-lo seja ao terceiro, seja ao quarto número, uma vez que terá de deixar de lado um dos dois.

Mandamos todos as melhores lembranças ao senhor e peço, de minha parte, que mande as melhores saudações a Meyer.

*Schiller.*



50. A SCHILLER, 25 DE FEVEREIRO DE 1795.

Seu bondoso cuidado crítico com minha obra deu-me novamente o desejo e a coragem de percorrer mais uma vez o quarto livro. Entendi provavelmente as suas *obelos*<sup>21</sup> e utilizei suas indicações, espero poder remediar também o *desideriis*<sup>22</sup> restante e, nessa oportunidade, efetuar ainda alguma coisa boa no todo. Mas, como tenho que cuidar disso imediatamente, peço que me exima do terceiro número; em contrapartida, deverá dispor do “Procurador”, com toda elegância, para o quarto.

Os sinônimos que chegaram aqui têm de mim grande aprovação; a elaboração é muito rica em espírito e em algumas passagens surpreendentemente boa. O início, em contrapartida, me parece menos *legível*, embora bem pensado e conforme a fins.

Chegaram até aqui relatos da extravagância do autor de não querer permanecer na academia. A academia exige satisfações porque ele insultou *desavergonhadamente* o pró-reitor, etc.<sup>23</sup> – Como o senhor está se ocupando dele, diga-me o que se pode de algum modo fazer. Pois trocar um *forum privilegiatum*<sup>24</sup> por um público é muito transcendente. O conselho municipal não pode sequer acolhê-lo sem que ele se submeta às condições habituais. Pode-se requerer dele a prova de que trará duzentos taleres, ele tem de se tornar cidadão e ainda mais outras coisas.

<sup>21</sup> Em grego no original: “marcas”.

<sup>22</sup> Em latim no original: “desejável”.

<sup>23</sup> Goethe faz alusão à recusa de Weißhuhn em inscrever-se na Universidade de Jena, a qual deu ensejo a uma disputa com o pró-reitor. Essa disputa ameaçava, agora, tornar-se um processo por injúria.

<sup>24</sup> Em latim no original: “fórum privilegiado”.

Se fosse possível convencê-lo a fazer as pazes com a academia, provavelmente tudo poderia terminar bem com Voigt<sup>25</sup>, que é atualmente o pró-reitor.

Espero em breve visitar novamente o senhor, que seja apenas por algumas horas. Mesmo ausente, não me deixe à distância.

Assegure a Körner que a sua participação me alegra infinitamente. Penso ouvir em breve a romanza no teatro.

Passe muito bem.

Weimar 25 de fevereiro de 1795.

G.



51. A GOETHE, 27 DE FEVEREIRO DE 1795.

Jena, 27 de fevereiro de 1795.

Se o senhor desfrutou também dos dias amistosos que temos aqui, desejo sorte ao quarto livro do *W. Meister*. Esse anúncio da primavera realmente me revigorou e instilou uma nova vida em meu ofício, de que ele muito carece. Como somos, entretanto, atados às forças da natureza, com toda a maravilhosa autonomia de que nos vangloriamos, e o que é nossa vontade quando a natureza falha! Aquilo que já estava remoendo infrutiferamente há cinco semanas foi resolvido para mim em três dias por uma amena visão do sol; evidentemente a demora de até então preparou esse desenvolvimento, mas o desenvolvimento mesmo quem me trouxe foi o sol que me aquece.

Apodero-me sempre mais de minha matéria [*Stoff*] e descubro em cada passo que avanço como é sólido e seguro o fundamento de minhas construções. De agora em diante, não tenho mais a temer uma objeção que pudesse derruir o todo. E contra erros pontuais na aplicação me porá mais seguro a estrita ligação mesma do todo; assim como a conta mesma adverte o matemático contra cada erro de contagem.

Consegui, por intermédio de Niethammer<sup>26</sup>, pois não é possível vê-lo por aqui, que nosso filósofo transcendental, que sabe tão pouco avaliar a liberdade

<sup>25</sup> Johann Heinrich Voigt (1751-1823), professor de matemática e pró-reitor na Universidade de Jena em 1795.

<sup>26</sup> Friedrich Immanuel Niethammer (1766-1848), teólogo alemão.

acadêmica, fizesse as pazes com o pró-reitor atual, e assim provavelmente lhe deixarão também em paz. Não tenho motivos para crer que ele tenha distorcido os *facta*<sup>27</sup>; mas se ele diz a verdade, então o senhor Professor Schmidt<sup>28</sup> atribuiu-se a si mesmo o predicado que Weißhuhn lhe deu. Pois, como assegura este, Schmidt lhe assegurara em expressas palavras que ele seria deixado em paz até a Páscoa, e que não lhe seria exigida nenhuma explicação acerca de sua permanência aqui; depois, contudo, ele negou a palavra que tinha dado antes, etc. Como Weißhuhn achava que um tal comportamento não poderia dever-se ao pró-reitor Schmidt<sup>29</sup>, mas antes ao professor Schmidt, julgou o segundo impertinente, com todo respeito ao primeiro.

As novas *Horas* estão prontas, e já me foi enviado um exemplar pelo correio.guardo o pacote amanhã. Saldamos completamente no segundo número a dívida que contraímos no primeiro, pois ele contém 8 e um quarto ao invés de 7 cadernos.

Conforme sua promessa, podemos esperar a cada dia uma visita do senhor, e estou muito ansioso por isso. Todos estão bem e mandam ao senhor as melhores lembranças.

*Schiller.*

P.S: O senhor esqueceu afinal de anexar os sinônimos.



52. A SCHILLER, 28 DE FEVEREIRO DE 1795.

Aqui vão os sinônimos esquecidos. Li um pedacinho deles para os convivas [*Gesellschaft*] de ontem, sem dizer de onde vinha nem para onde ia. Ele recebeu grande aprovação.

Não seria de modo algum ruim se eu lesse de vez em quando algo de nossos manuscritos para outros. Assim teríamos sempre uma dúzia de seres humanos mais inclinados ao produto e atentos ao próximo número.

<sup>27</sup> Em latim no original: “fatos”.

<sup>28</sup> Carl Christian Erhard Schmid (1761-1812), teólogo e filósofo alemão.

<sup>29</sup> Johann Wilhelm Schmidt (1744-1798), teólogo alemão e pró-reitor na Universidade de Jena em 1794.

Sobre o assunto de Weisshuhn, prefiro me abster até o senhor me dar notícias de uma finalização amical.<sup>30</sup>

Dou minha benção à bem-sucedida aproximação do senhor à sua finalidade. Não podemos fazer outra coisa senão cultivar e secar bem a lenha; começa então o fogo na hora certa e nos assombramos com isso. Segue também uma carta de Jacobi.<sup>31</sup> O senhor verá que ele passa bem. Agrada-me muito o interesse dele pelas *Cartas* do senhor. Remeto-lhe, para revisão, o juízo dele acerca de meu primeiro volume.<sup>32</sup>

Passe muito bem, vejo o senhor tão logo possível.

Weimar, 28 de fevereiro de 1795.

G.



53. A GOETHE, 1 DE MARÇO DE 1795

Jena, 1 de março de 1795.

Envio aqui por ora quatro exemplares de *As horas*, dos quais peço que o senhor entregue um ao duque. Os restantes seguirão.

A crítica de Jacobi não me admira nem um pouco; pois um indivíduo como ele tem de necessariamente ofender-se com a inclemente verdade que o senhor produz em suas cenas da natureza na mesma medida em que seu indivíduo tem de dar a ele oportunidade para isso. Jacobi é um daqueles que buscam nas apresentações do poeta apenas suas ideias, e tomar aquilo que *deve ser* como mais elevado do que aquilo *que é*; aqui, o fundamento do conflito repousa já, portanto, nos primeiros princípios, e é completamente impossível que um entenda o outro.

Abandono alguém tão logo me deixe notar que algo lhe interessa mais nas apresentações [*Darstellungen*] poéticas do que a necessidade interna e a verdade. Se ele pudesse mostrar ao senhor que a ineticidade de seus quadros não flui da natureza do objeto, e que o modo como o senhor lida com ele advém apenas de seu próprio sujeito, então o senhor seria com certeza responsável por isso – não,

<sup>30</sup> Em latim no original: “amigável”

<sup>31</sup> Friedrich Heinrich Jacobi (1743- 1819), filósofo alemão.

<sup>32</sup> Do *Wilhelm Meister*.

contudo, por estar em falta com o fórum moral, mas sim com o fórum estético. Mas gostaria de ver como ele pretendia mostrar isso.

Uma visita me perturba e não quero deter o pacote.

Weißhuhn esteve há pouco comigo. Ele pretende inscrever-se amanhã. Passe muito bem.

*Sch.*



54. A GOETHE, 8 DE MARÇO DE 1795

*Jena, 8 de março de 1795.*

Minha esperança de ver o senhor aqui essa semana foi em vão. Espero, contudo, que ela tenha malogrado apenas pelo zelo do senhor com o trabalho. Mas não ouvir nem ver nada do senhor é algo a que dificilmente posso mais me acostumar.

Aguardo ansiosamente ouvir sobre sua ocupação no momento. Disseram-me que o senhor já faria imprimir o terceiro volume do *Meister* no dia de São João. Isso seria mais rápido do que eu pensava; mas, por mais que isso me alegre pelo *Meister*, também me causaria pesar que o senhor fosse raptado por tão longo tempo às *Horas*.

Sobre o destino do segundo número ainda não pude recolher nenhum juízo; talvez o senhor tenha ouvido algo divertido em Weimar.

Nosso amigo Meyer está satisfeito com o artigo dele?<sup>33</sup> Gostaria que estivesse. Esse artigo, me escreve Cotta, agradou a muitos, e não tenho nenhuma dúvida de que ele nos honrará.

Envio ao senhor ainda quatro números de *As horas*, dos quais um para o Sr. Meyer. Se o senhor precisar de mais um ou dois exemplares em papel de carta, ao invés de papel comum, peço a bondade de observá-lo e me enviar de volta os exemplares em papel comum. Todos mandam as melhores lembranças.

*Sch.*

---

<sup>33</sup> Schiller revisara o artigo de Meyer, "Ideen zu einer künftigen Geschichte der Kunst" [Ideias para uma história futura da arte], mas não houve tempo para que o autor verificasse as alterações antes da publicação no segundo número de *As horas* (pp. 29-50).



55. A SCHILLER, 11 DE MARÇO DE 1795

Não obstante a vivaz ansiedade por ver e falar com o senhor novamente, não pude essa semana sair do lugar. Impediram-me gradativamente alguns atores, que queria ajuizar para papéis como convidados, o tempo ruim e um reumatismo que contraí com um resfriado, e ainda não vejo quando e como poderei chegar até aí.

Permita-me dizer, entretentes, que fui diligente, que a maior parte do quarto livro já seguiu e que o “Procurador” também já foi completamente elaborado. Espero que o modo como apreendi e explanei a história não desagrade ao senhor.

Ficarei satisfeito se meu romance puder ser publicado na época determinada; uma aceleração é impensável. Nada me impedirá de tomar parte em *As horas* do modo como o senhor deseja. Tomando em conjunto e dividindo o tempo e as horas posso deixar muita coisa de lado esse ano.

Não ouvi ainda nada sobre o segundo número de *As horas*, mas o primeiro já está assombrando muito a Alemanha.

Meyer agradece pela redação das ideias dele. Há pouco apenas que poderia ser colocado de outro modo, mas isso ninguém descobrirá. Agora ele trabalha em uma apresentação de Perugino, Bellini e Mantegna.<sup>34</sup>

Em anexo, o senhor pode ver quais revistas chegarão futuramente aqui em casa. Farei copiar o sumário de cada número e acrescentarei uma pequena resenha. Se tivermos apenas uns seis meses, já podemos ter uma ideia de como estão nossos colegas.

Se nos conservarmos estritos e múltiplos, logo estaremos no topo, pois todos os demais periódicos trazem mais fardo do que mercadoria. E, como visamos a utilizar nosso trabalho para nossa própria formação ulterior, só coisas boas podem surgir e efetuar-se daí.

Agradeço muito pelos exemplares enviados de *As horas*. O segundo envio está de acordo com o primeiro: quatro em papel comum e a mesma quantidade em papel de carta. Jacobi desculpa-se por ainda não ter enviado nada.

---

<sup>34</sup> O artigo seria publicado no nono número de *As horas*: “Beyträge zur Geschichte der neu-ern bildenden Kunst” [Contribuições para a história da arte plástica moderna] (pp. 11-29).

Espero que o bom tempo permita que eu cavalgue rapidamente até aí, pois anseio muito por uma conversa com o senhor e pelos seus trabalhos até o momento. Mande minhas lembranças aos seus.

*Weimar, 11 de março de 1795.*

G.



56. A SCHILLER, 18 DE MARÇO DE 1795

Semana passada fui acometido por um instinto inusitado que, felizmente, ainda continua. Fiquei com o desejo de elaborar o livro religioso de meu romance<sup>35</sup>, e como o todo baseia-se nas mais nobres ilusões e na mais delicada confusão entre o subjetivo e o objetivo, convém talvez a ele mais disposição e concentração do que a qualquer outra parte. E, contudo, uma tal apresentação teria sido impossível, como o senhor verá a seu tempo, se eu não tivesse reunido antes os estudos para ela segundo a natureza. Esse livro, que penso terminar antes do domingo de Páscoa, fez avançar de modo totalmente inesperado o meu trabalho; na medida em que ele aponta para frente e para trás e, na medida em que limita, ao mesmo tempo dirige e conduz. O “Procurador” também já está escrito e só precisa ser revisto. O senhor poderá tê-lo, portanto, no tempo certo.

Espero que nada me detenha de ir no domingo de páscoa e passar algumas semanas com o senhor; daí poderemos mais uma vez fazer algo de bom.

Anseio pelos últimos trabalhos do senhor; relemos os primeiros, já impressos, com deleite.<sup>36</sup>

Entre o público de Weimar rumoreja-se tremendamente sobre *As horas*, mas para mim não apareceu nem um puro pró, nem um puro contra; na verdade, estão atrás do número, arrancam-no das mãos uns dos outros, e mais não queremos no início.

<sup>35</sup> Trata-se do Livro 6 do Meister, intitulado “Confissões de uma bela alma”. As observações de Goethe se referem ao fato de que esse livro é bastante incomum no todo da obra, uma espécie de desvio de rota na trama de todo o romance.

<sup>36</sup> Goethe já lera a duas primeiras partes das cartas *Sobre a educação estética do homem*, publicadas no primeiro e segundo número de *As horas*, e ansiava pela terceira e última, que viria a integrar o sexto.



O senhor v. Humboldt<sup>37</sup> deve ter sido realmente diligente. Espero poder discutir também com ele novamente sobre *anatômica*. Deixei preparados para ele alguns espécimes muito naturais, e todavia interessantes. Mande saudações a ele e às senhoras. O “Procurador” está já de saída. Passe bem e ame-me, esse amor não é unilateral.

Weimar, 18 de março de 1795.

G.



57. A SCHILLER, 19 DE MARÇO DE 1795

Desejo uma boa recepção ao “Procurador”, publicado aqui.

Peço a bondade de reenviar-mo logo, pois gostaria muito de revisá-lo mais uma vez devido ao estilo.

Estou me livrando de tudo aquilo que poderia me impedir de me alegrar e edificar, em breve, próximo ao senhor.

Weimar, 19 de março de 1795.

G.



58. A GOETHE, 19 DE MARÇO DE 1795

Jena, 19 de março de 1795.

Não é pequena a minha curiosidade pelo quadro que o senhor agora esboçou. Ele pode fluir menos do que qualquer outro de sua individualidade, pois essa me parece justamente a corda mais raramente tocada no senhor, e dificilmente, para sua infelicidade. E tanto mais ansiosamente aguardo para ver como o senhor misturou a coisa heterogênea com a essência do senhor. A exaltação [*Schwärmerei*] religiosa é e só pode ser própria de ânimos que imergem em si mesmos contemplativos e ociosos, e nada me parece ser menos o seu caso do que isso. Não duvido por um momento que a apresentação do senhor será verdadeira – mas isso exclusivamente pelo poder de seu gênio, e não pela ajuda de seu sujeito.

<sup>37</sup> Trata-se de Wilhelm von Humboldt, embora ambos, os irmãos Wilhelm e Alexander von Humboldt tivessem grande interesse nas pesquisas de ciências naturais feitas por Goethe.

Há algum tempo tenho sido infiel a meu trabalho filosófico, de modo a criar algo com velocidade para o quarto número de *As horas*. A sina escolheu o conhecido sítio de Antuérpia, que também já está bastante avançado.<sup>38</sup> A cidade deve estar tomada quando o senhor vier. Só com esse trabalho vejo como foram fatigantes os anteriores; pois, sem que eu nada negligencie, ele me parece um simples jogo, e apenas a quantidade de coisas miseráveis que tenho de ler, e que exige empenho da memória, lembra que estou trabalhando. Evidentemente o gozo que ele me dá é também muito magro; espero, contudo, que ocorra comigo como com os cozinheiros que, tendo eles mesmos pouco apetite, despertam-no, contudo, nos outros.

O senhor me faria um grande serviço se pudesse enviar seguramente o tão ansiado “Procurador” até segunda-feira. Assim eu não seria obrigado a mandar para impressão o início de minha história antes de o fim estar pronto. Se algo impedir o senhor, peço que me faça saber ainda sábado. Mas espero o melhor.

Alegra-me muito que o senhor queira passar a páscoa conosco, e careço também novamente de um estímulo vivaz de fora, por uma mão amiga.

Peço que dê as melhores saudações a Meyer. Gostaria que ele pudesse em breve nos entregar algo novamente. Ainda não recebi o selo para *As horas*.<sup>39</sup>

Todos mandam lembranças ao senhor e esperam-no com ansiedade.

*Sch.*



Dia 20. Essa manhã recebi seu pacote, o que me surpreendeu alegremente sob todos os pontos de vista. A narrativa deixa-se ler com incomum interesse; o que me alegrou especialmente foi o desenvolvimento. Confesso que esperava por ele, e que não teria me dado por satisfeito se o senhor não tivesse abandonado aqui o original. Se me lembro bem, em Boccacio é meramente o retorno do velho no tempo certo que decide a sorte da corte.

<sup>38</sup> “Merkwürdige Belagerung von Antwerpen in den Jahren 1584 und 1585” [O notável cerco de Antuérpia nos anos 1584 e 1585], publicado no quarto número de *As horas* (pp. 68-119)

<sup>39</sup> Selo para o lacre da correspondência referente a *As horas*, desenhado por Goethe e Meyer e entalhado por Friedrich Wilhelm Facius.

O senhor me faria uma grande gentileza se pudesse me devolver o manuscrito na segunda-feira pela manhã. O senhor não encontrará nele muito mais o que fazer.

